



PAÍS EM CRISE

BRASIL SEM RUMO

TEMOR DE UMA NOVA

DÉCADA PERDIDA NO PAÍS

Recessão pode comprometer a economia brasileira por 10 anos

As Jaspion, polainas, Michael Jackson, Xuxa. Quem viveu nos anos 80 pode se lembrar com saudosismo desses nomes que marcaram época. Mas, com certeza, não sente falta da hiperinflação, que superou 80% ao mês, da instabilidade política, marcada pela transição do regime ditatorial para o democrático, e da economia desacreditada, com status de Terceiro Mundo. Não foi à toa que a década ficou conhecida como perdida.

Passados mais de 30 anos desde então, os brasileiros acharam que o país havia encontrado o caminho certo e que o caos econômico tinha ficado somente nas lembranças, mas a recessão atual ameaça trazer de volta velhos fantasmas.

O que preocupa é a intensidade desta crise e a falta de perspectiva para o país conseguir sair dela no curto prazo. Em 2015, a inflação ultrapassou 10%, o Produto Interno Bruto (PIB) despencou 3,8%, atingindo o pior resultado desde 1990 e, na perspectiva de economistas, a recessão econômica pode

TRAGÉDIA

“É uma tragédia para a economia brasileira. Temos não só uma queda forte em 2015, mas se vislumbra uma recessão longa. Já está contratada nova retração em 2016, na mesma magnitude, e até 2017 deve haver recuo”

SILVIA MATOS TÉCNICA
FGV/IBRE

perdurar até 2017.

“É uma tragédia para a economia brasileira. Temos não só uma queda forte em 2015, mas se vislumbra uma recessão longa. Já está contratada nova retração em 2016, na mesma magnitude, e até 2017 deve haver recuo”, afirma a coordenadora técnica do Boletim Macro da FGV/IBRE, Silvia Matos, que estima queda de 3,4% este ano e de 0,4% no próximo.

Soma-se à economia desgovernada a dificulda-



EDSON CHAGAS/ARQUIVO

Compras ficaram mais caras: a inflação no país em 2015 superou os 10%

de do governo federal de conseguir aprovar no Congresso as medidas necessárias ao ajuste fiscal.

Nesse contexto, consolidada-se cada vez mais entre os especialistas a convicção de que teremos mais uma década perdida, repetindo a estagnação de 1982 a 1992.

Segundo o economista

HIPERINFLAÇÃO

80%
ao mês

Essa é a taxa da inflação mensal no país, na década de 1980.

André Gamerman, da Opus Gestão de Recursos, o Brasil pode ter crescimento acumulado de apenas 7,6% entre 2011 e 2020, o equivalente a 0,74% por ano. Isso é menos que a metade do crescimento dos anos 80, de 1,57% ao ano.

O economista Paulo Levy,

do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), usa o PIB per capita (relação entre o tamanho da economia e o total de habitantes) que caiu 4,6% em 2015 e ficou em R\$ 28.876 para mostrar o mesmo efeito nefasto na economia. Segundo ele, esse indicador está estagnado desde 2010, e vai ser difícil, em meia década, compensar quedas de quatro anos seguidos.

“Se tivermos estabilidade em 2017 e pequenos crescimentos nos próximos anos, chegaremos a 2020 com o PIB per capita no mesmo patamar de 2010”.

Gamerman vê a conjugação de desequilíbrios internos com choques na economia global na crise atual e na de 1980: “Nos dois casos, houve um esgotamento de um ciclo. Em 1980, foi do investimento público, e o atual, o do consumo doméstico. De certa forma, por motivos diferentes, os dois foram causados por algum tipo de choque de commodities. Naquela época, a década perdida foi marcada pela alta do preço de petróleo e, agora, pela queda dos preços de commodities”. (Com informações de agências)

Os 10% que abalam o cenário econômico

A crise econômica brasileira atingiu dois dígitos. São quase 10% de desemprego, 10% de inflação e um déficit fiscal acima de 10%. Dez é o número que dá a medida da desorganização da economia brasileira que atinge igualmente mercado de trabalho, orçamento dos brasileiros e as contas públicas.

Os números do Produto Interno Bruto (PIB), divulgados pelo IBGE e que mostraram o país em sua maior recessão em 25 anos, apontaram ainda que os gastos de famílias, governo e empresas brasileiras recuaram 10,1% no último trimestre.

O que mais preocupa é a

taxa de desemprego, que chegou a 9% em novembro, mas os analistas preveem que alcançará 11% este ano e não há sinal que haverá melhora num horizonte próximo. Para o ano que vem, já há projeções de que 13% da força de trabalho esteja à procura de uma vaga.

“A crise está num nível

tal que é cada vez mais custoso e desnecessário manter a mão de obra empregada. Há muita capacidade ociosa. Devemos continuar assistindo mais desligamentos”, afirma Leonardo Carvalho, do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea). (Agência O Globo)



EDSON LOPES JR/A2AD

Emprego com carteira assinada está mais escasso